

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR MEDIADOR NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

The importance of the mediating teacher in literacy and lettering of basic education

Carine Nascimento da Silva¹
 Mariana Figueira Fontoura²
 Sabrina Figueira³
 Marlene Przylinski⁴
 Vaneza Cauduro Peranzoni⁵

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as diferenças dos métodos de alfabetização desenvolvidos em diferentes escolas. E tem como objetivos específicos identificar as características entre os diferentes métodos de alfabetização e compreender como se dá os diversos tipos de alfabetização em contextos diferentes. Nessa premissa, esta pesquisa trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, de abordagem qualitativa. A população da pesquisa foram quatro professores alfabetizadores. O instrumento da pesquisa foi um questionário semiestruturado, no qual os dados coletados foram analisados e a partir disso emergiram reflexões sobre o processo de alfabetização. Os resultados ratificam a importância do professor alfabetizador, bem como sua prática em sala de aula. Outro fator marcante é a compreensão de que os educadores necessitam de formação contínua, é desse modo que irão aprimorar sua prática. A partir do estudo, concluiu-se que o professor é o agente possibilitador e que os alunos de hoje serão o futuro de amanhã.

Palavras-chave: Aprendizagem. Formação Docente. Métodos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the differences in literacy methods developed in different schools. And its specific objectives are to identify the characteristics between the different literacy methods and understand how different types of literacy occur in different contexts. In this premise, this research is a research of a descriptive nature and with a qualitative approach. The research population was four literacy teachers. The research instrument was a semi-structured questionnaire, in which the data collected were analyzed and from that emerged reflections on the literacy process. The results confirm the importance of the literacy teacher, as well as his classroom practice. Another striking factor is the understanding that educators need continuous training, this is how they will improve their practice. From the study it was concluded that the teacher is the enabling agent and that today's students will be tomorrow's future.

Keywords: Learning. Teacher Education. Methods.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista CAPES/Unicruz. Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: kaca_nascimento@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9908-5291>

² Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: marii_fonttoura@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2281-7084>

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: sabrinafiga@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2281-7084>

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Bolsista CAPES/Unicruz, Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: marleneprzylinski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3214-3746>

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Doutora em Educação. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Unicruz- NAIU. Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: vperanzoni@unicruz.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2415-6504>





1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição social onde acontecem trocas de saberes, possibilitando diferentes relações da criança com o mundo. A alfabetização e o letramento são fatores indispensáveis para o processo de desenvolvimento intelectual e cognitivo. Os conceitos e métodos assim como as formas de alfabetizar, promovem reflexões e debates que levantam questionamentos, buscando a verdadeira compreensão sobre esses conceitos a serem compreendidos.

A alfabetização e o letramento são conceitos de relevância na educação do ensino básico. À soma dessas duas categorias se constrói a base do processo de ensino aprendizagem de forma satisfatória de qualidade. Sendo assim, a alfabetização não se baseia somente no alfabeto, mas abrange a língua escrita e as habilidades de ler e escrever. A partir desses pressupostos, teremos o resultado do conceito de ensinar e educar (SOARES, 2010, p.15).

Por meio dessas reflexões, lançaremos o entendimento da importância do papel do professor na alfabetização e letramento. O artigo aborda questões pertinentes aos diferentes métodos de alfabetização desenvolvidos por professores alfabetizadores, levando em consideração os contextos distintos de cada um. As discussões em relação as maneiras de alfabetizar são de fato consideráveis e todas consistem em distinguir e apontar qual método irá atender o objetivo planejado pelo professor. O processo de alfabetização deve ser visto e compreendido como um instrumento que serve para ressignificar e aperfeiçoar os conhecimentos do sujeito. Diante do exposto, o problema dessa pesquisa foi “Existem diferenças entre os métodos de alfabetização de uma escola da rede pública para a privada?”.

Com tantas inquietações a respeito dos processos de alfabetização, a fundamentação teórica e contextualização do estudo se baseou nos autores Feil (1990), Ferreiro (1997), Almeida (2004), Piaget (1974), entre outros. Esses autores são fundamentais e de grande importância para as diversas reflexões a respeito da alfabetização e seus métodos, e, para, assim, compreender os avanços e os desafios perpassados e encontrados até hoje no processo de alfabetizar.

Nessa premissa, o objetivo do estudo foi analisar as diferenças dos métodos de alfabetização desenvolvidos em diferentes escolas. E, teve como objetivos específicos identificar as características entre os métodos de alfabetização e compreender como se dá os diversos tipos de alfabetização em contextos distintos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia aplicada para a elaboração e desenvolvimento do presente trabalho é de natureza descritiva com abordagem qualitativa, que visou descrever e relacionar as características de diversos aspectos. Martins (1994, p. 28) afirma que a metodologia descritiva “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos”. Assim, a abordagem qualitativa, conforme



Brandão (2003, p. 10) “é uma sequência de reflexões e de relatos a respeito de experiências vividas pelo pesquisador em meio a outras pessoas”.

A pesquisa com abordagem qualitativa possui algumas características como utilizar a interpretação do contexto e a construção de uma identidade entre sujeito e objeto de pesquisa, Godoy (1995, p. 21) afirma que:

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

A partir dessa linha de pesquisa, a população foram quatro professoras alfabetizadoras de Cruz Alta- RS. A amostra foi composta pelas que concordaram participar da pesquisa por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi elaborado um questionário semiestruturado, no qual abordou os professores a respeito dos métodos desenvolvidos, seus conceitos e o porquê a escolha de tal método para alfabetizar. Segundo Cervo e Bervian (2002 p. 48), um questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Lakatos e Marconi (2003, p. 201), afirmam, também, que é um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”, além deste foi utilizado um diário de campo para coletar observações relacionadas ao tema.

Inicialmente, foi realizada uma visita à escola, na qual as autoras apresentaram a Carta de Apresentação, expondo aos coordenadores da escola os objetivos da pesquisa além da importância da participação dos professores alfabetizadores nesta investigação. Os dados coletados foram analisados e categorizados, pois tratam-se de dados qualitativos e necessitam ser pré-classificados em categorias específicas pela Matriz de Análise. Com isso, Bardin (1977, p. 44) fundamenta: “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens”.

A análise dos dados permite que o pesquisador interprete a escrita dos participantes a partir de cada critério estabelecido, é uma forma de aprofundar as palavras, de ler e estabelecer sentidos que estão além de apenas palavras. Ratificamos a partir de Gil (1999, *apud* TEIXEIRA *et al.*, 2003, p. 15) que:

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1999, *apud* TEIXEIRA *et al.*, 2003, p. 15).



Diante dessa colocação, é possível constatar que a análise dos questionários foi realizada de modo a corresponder aos objetivos propostos pelo estudo, respeitando a autenticidade das respostas. Quanto aos benefícios, a presente pesquisa visou possibilitar uma nova visão da comunidade acadêmica acerca dos métodos de alfabetização desenvolvidos pelos professores de diferentes escolas. As professoras envolvidas nesse processo são de contextos distintos, mas que objetivam a alfabetização, possibilitando, assim, aos entrevistados a oportunidade de realizar uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, possibilitando a rever os pontos positivos e os negativos, buscando aperfeiçoar suas práticas pedagógicas.

Os riscos dessa investigação científica, caracterizam-se na relevância social, podendo causar alguns transtornos em função de constrangimento ao responder as perguntas. Se essa situação viesse a acontecer, o participante ficaria livre para não responder alguma pergunta ou deixar em branco o questionário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com estudos científicos, livros e relatos pesquisados para contextualizar o texto, juntamente com o letramento do resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, nota-se que o letramento seria resultado ou consequência do processo de alfabetização. Nessa perspectiva, o professor inicia seu papel de mediador dos instrumentos de expressão e comunicação. É por meio de seu método que construirá hipóteses com seu aluno, possibilitando aprendizagens de fato significativas e que proporcionem realizar uma leitura do todo (FEIL, 1990, p. 13).

Com isso, o início da vida escolar da criança é um momento repleto de significados novos, é o ponto de partida para descobertas de ressignificações. Almeida (2004, p. 13) afirma:

A partir do momento que a criança entra na escola, o desenvolvimento infantil adquire um novo rumo. A criança deixa a exclusividade do berço familiar para ingressar um novo ambiente. A vida da criança passa a ser dirigida não somente pelo meio familiar, mas também segundo as condições estabelecidas pela escola [...] (ALMEIDA, 2004, p. 13).

É a partir desse ingresso na escola que a criança irá estabelecer relações concretas do seu dia a dia, relacionando também suas vivências com as aprendizagens compartilhadas. Feil (1990, p. 13) acredita que “a criança, mesmo não reconhecendo os símbolos do alfabeto, já “lê” o seu meio, estabelecendo relações entre significantes e significados”.

Diante disso, é indispensável pesquisar sobre os métodos que os professores usam e quais suas influências no processo de desenvolvimento das crianças. Na realização do presente estudo foram analisados os questionários aplicados a quatro professoras alfabetizadoras, sendo, da escola privada, a Professora 1 (P1) e professora 2 (P2), e da escola pública a professora A (PA) e professora B (PB).



O primeiro questionamento foi em relação ao tempo que o professor atua como alfabetizador, o professor 1 atua cerca de 22 anos e a professora 2 possui 30 anos de sala de aula. A professora A atua 29 anos como alfabetizadora e a professora B atua cerca de seis anos. Três das professoras possuem alguns anos de prática, mas Nóvoa (1997, p. 25) afirma que toda essa formação docente deve exigir uma reflexão, pois o conhecimento não deve ser guardado, ou seja, “não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e (re)construção permanente de uma identidade pessoal”.

Diante dessa afirmação, é necessário realizar uma práxis, uma reflexão da ação, pois devido as transformações constantes na contemporaneidade os alunos se aditam no mundo com vivências estabelecidas através do meio onde se encontram inseridos. Dessa forma, o professor se aperfeiçoa e se apropria ainda mais de conhecimentos para compartilhar com seu aluno. A autora Soares (2006, p. 14) reforça que o professor alfabetizador dá a possibilidade de o aluno entrar no mundo da escrita. Nas palavras da autora é possível salientar:

O alfabetizador dá acesso ao maravilhoso mundo da escrita, dá acesso aos livros, à leitura, conduz à conquista do instrumento que lhe abre portas para todo o conhecimento, toda a cultura que vem sendo preservada pela escrita, ao longo dos séculos (SOARES, 2006, p. 14).

O papel do professor alfabetizador deve consistir em criar possibilidades, promovendo práticas pedagógicas que vão além de uma sala de aula, buscando devendo compreender as dimensões de todo esse processo de alfabetizar e que sua prática é capaz de formar sujeitos com autonomia e criticidade. Freire (2011, p. 92) afirma que é preciso compreender a importância do seu papel e trabalhar com severidade, pois “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. Compreende-se, assim, que a formação do professor é sempre contínua, é constante na busca por conhecimento.

Nesse contexto, é necessário conhecer o conceito de alfabetização, para que, a partir disso, o professor seja capaz de desenvolver, na sua prática, aspectos teóricos. A alfabetização implica todas as capacidades do ser humano, tornando-se extremamente complexa, pois ela necessita dos fatores cognitivos, intelectual, social, emocional, perceptual, física e psicológica (FEIL, 1990, p. 16). Segundo a Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2016), a alfabetização é:

[...] é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC, 2016).

É possível analisar a partir da fala de Cavalcanti (1997), que o processo de alfabetização é mais do que saber ler e escrever, de conhecer códigos e sinais de escrita, é também o domínio da linguagem e a multiplicidade das funções da língua, esse processo ocorre antes mesmo do



indivíduo “saber ler e escrever” e continua mesmo depois que estabelece relações com a escrita e, assim, é construída durante toda sua vida.

O questionamento seguinte foi sobre qual método cada professora utiliza em sua prática e como desenvolve, a P1, a P2 e a PB utilizam o método global. A P1 e P2 responderam respectivamente que:

“É o método utilizado na sua escola e considera o desenvolvimento da criança como um todo. Ele parte do todo para as partes”. (P1)

“Nosso método é o global, ou seja, partimos de um todo para as partes (frase, palavra, sílaba, letra)”. (P2)

Segundo Feil (1990, p. 30), o método global passou por muitos conflitos até ser aceito e desenvolvido, esse método é voltado para o sujeito, ou seja, a criança. Mas foi somente em 1787, que Nicolas Adams esclareceu seu pensamento contraditório aos métodos tradicionais e, assim, ratificou que a alfabetização ou o ensino da leitura deveria partir do todo e que o “todo” era a palavra para a criança (ADAMS, 1787, *apud* SANTOS 2010, p. 26).

A alfabetização poderia ser explorada a partir da globalização, do recurso de jogos, do movimento, da organização da sala, da originalidade da criança, dos materiais mais comuns como caixas, cartelas, sucata. O contato das crianças com elementos simples, da possibilidade de imaginar, de falar e, isso, de fato, é o essencial para o primeiro passo do estar sendo alfabetizado.

Nesse contexto, a professora A respondeu que:

“Trabalho com o método tradicional, inovando sempre com transformações, novas tecnologias e interesse de cada aluno”. (PA)

A partir da fala dessa professora, é possível compreender que esse método não corresponde ao meio social da criança, não a faz pensar e, sim, memorizar a letra e sua sílaba para, então, formar as palavras. Também é possível destacar que esse método se torna uma barreira para a criança ser ela mesma, para que ela pense, seja crítica, no qual possui regras, finalidades e prioridades que visam à decifração e memorização.

Segundo Feil (1990, p. 27), “torna-se artificial e mecânica e muito distante de quem se pretende atingir, ou seja, a criança”. E que esse método alfabetizador, inicia-se partindo de letras ou sons para, assim, a criança formar sílabas e futuramente formar palavras e palavras estas que só têm função de fixar as letras estudadas. Nesse sentido, Ferreiro (1997, p. 22) afirma que “desde o início, exige-se que o aluno pronuncie como está escrito, invertendo, assim, as relações fundamentais entre a fala e a escrita: não são as letras que “se pronunciam” de certa maneira; são as palavras que “se grafam” de certo modo”.

Os métodos de alfabetização são complexos, cada professor escolhe e se apropria daquele que melhor se identifica. São inúmeros os debates para definir qual o melhor, pois cada criança possui um perfil e um ritmo de aprendizagem. A partir disso, os métodos são divididos em dois grupos, ou seja, os métodos analíticos e os métodos sintéticos. Almeida (2004) afirma que os



métodos sintéticos “seguem a marcha que vai das partes para o todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores”. E, segundo Fontes e Benevides (2013, p. 3), “primeiro se aprende o processo de codificação e decodificação para, em uma fase mais avançada, passar à compreensão da leitura e da escrita.” Já o método analítico, conforme Mortatti (2015, p. 7):

Baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança (MORTATTI, 2015, p. 7).

Os métodos de alfabetização que são contraditórios aos métodos tradicionais passaram por inúmeras barreiras e, ao longo dos anos, o professor, ao se tornar professor alfabetizador encontrou dificuldades ao definir ou escolher seu método. A formação, a capacitação do professor são os fatores essenciais nesse processo, pois é quando o educador se apropria do conhecimento, tem subsídios para, então, definir e desenvolver sua ação em sala de aula.

As professoras participantes foram questionadas em relação as dificuldades enfrentadas para alfabetizar, o que chamou atenção é que ficou evidente a falta de apoio e comprometimento das famílias, a P1 e P2 responderam que:

“Acredito que seja a falta de apoio das famílias, que não se envolvem no processo e não constroem autonomia e limites com seus filhos”. (P1)

“Muitas vezes as dificuldades de aprendizagem são de origem intelectual, emocional. Cabe ao professor ter um olhar observador para detectar quando um aluno não aprende, recorrendo a família ou a outro profissional específico para auxílio e diagnóstico”. (P2)

A professora A afirmou que:

“Nos tempos de hoje é o fator familiar que estão todos invertidos. O desinteresse, a falta de vontade e somente direitos, esqueceram os deveres”. (PA)

Fica claro, a partir das respostas das professoras, que os desafios da prática docente são diversos, o contexto de cada escola também é um fator marcante. Vasconcellos (1995, p. 22 *apud* CREPALDI, 2017) reforça:

Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...], a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos (VASCONCELLOS, 1995, p. 22 *apud* CREPALDI, 2017).

A educação é um grande desafio e a interação com a família no ambiente escolar é extremamente fundamental para o sucesso no desenvolvimento da criança, Chalita (2001, p. 21) afirma que “a preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são



responsabilidades da família”. Nesse sentido, a família é a instituição mais valiosa que temos, Chalita (2001, p. 17) reforça:

Pai, mãe, avó, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve dela participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo. A família tem de acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares (CHALITA, 2001, p. 17).

Percebe-se, nessa afirmação, o quanto a presença familiar no âmbito escolar se faz importante ou, até mesmo, indispensável, pois, a família é o alicerce da construção social. É nesse alicerce que a criança se posiciona quanto a sua interação e relacionamentos sociais, para que possa interagir de forma civilizada na escola e sociedade (CREPALDI, 2017, p. 6).

A partir dessas afirmações, ressalta-se que a criança precisa estar num ambiente harmônico, e que possibilite a ela experimentar, vivenciar e desvendar novos conhecimentos. A família e a escola são alicerces que necessitam trabalhar juntos, um sustenta o outro. A alfabetização e o letramento são exemplos para isso, conforme Vygotsky (1984 *apud* TFOUNI, 2004, p. 21):

O letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas, etc (VYGOTSKY, 1984 *apud* TFOUNI, 2004, p. 21).

Com isso, torna-se necessário possibilitar à criança meios para que ela explore sua mente imaginária, com ambientes que estimule seus sentidos, pois é com sua imaginação que criará condições para aprendizagens significativas. As professoras responderam que são notáveis os avanços dos alunos.

“É um método rápido, pois desde o início o contato é com o todo e vamos desmembrando e assim as crianças se apropriam rapidamente e de segurança com a leitura e escrita. Também é perceptível a alegria deles com o processo”. (P1)

“As crianças aprendem naturalmente no meio em que vivem o processo de letramento, através de estímulos visuais e sonoros, incentiva-los a participarem da aventura do conhecimento implícita no ato de ler”. (P2)

A alfabetização possibilita ao aluno ler e a escrever e o letramento possibilita ao aluno interpretar o que se lê, tornando o letramento e a alfabetização ações distintas, mas inseparáveis. A alfabetização começa a dar seus primeiros passos na escola, mas o letramento ocorre com qualquer contato da criança com o mundo da linguagem, por meio de histórias, livros, revistas, desenhos, dinâmicas ou brincadeiras (FERREIRO, 2009).

A fala da professora A corresponde à realidade na nossa sociedade atual, na qual os professores devem possuir um planejamento que possa ser adequado para aquela aula, onde ela relata que:



“Na realidade que hoje leciono, todos os dias é um novo desafio. Os alunos faltam muito e muitas vezes tenho que trocar o que planejei e voltar as aulas anteriores”.
(PA)

Outro fator abordado e indispensável no estudo é em relação a como o professor visualiza o avanço das crianças em sala de aula. a partir de seu método, sendo: a P1 e P2 dizem que:

“o avanço é diário, é motivador ver o encanto das crianças, e os alunos com dificuldade é maior ainda o crescimento, pois superam na escrita, na leitura ...”. (P1)

“o crescimento é observado diariamente, através de brincadeiras, desafios de perguntas etc”. (P2)

Já a professora B afirma que:

“No início de utilização do método, os alunos ficam apreensivos e atentos aos conhecimentos ensinados. Com o passar do tempo os alunos já conhecem, reconhecem e leem de forma autônoma e independente, percebendo e assimilando os valores sonoros de outras sílabas ainda não fixadas, inclusive com dificuldades ortográficas”.
(PB)

Através deste discurso percebe-se que é necessário que o professor compreenda que cada aluno vai apresentar um ritmo distinto. Ferreiro (2009) afirma que a criança possui um momento certo para aprender, e que nem todas possuem o mesmo ritmo, levando-nos a compreender que cada criança possui seu tempo de aprendizagem, dependendo de seu grau de maturidade.

A alfabetização é um processo contínuo e mesmo antes de acontecer o letramento já atua em conjunto, mas cabe ao professor proporcionar estímulos para as crianças, o educador deve conhecer e apropriar-se de seu papel de mediador do conhecimento. Os professores alfabetizadores devem, segundo Leal (2005, p. 90), conhecer alguns saberes como:

[...] para exercermos nossas funções de professores (as) - alfabetizadores (as), é preciso que tenhamos muitos tipos de saber [...]. (1) o que é alfabetização, articulando tal conceito ao de letramento [...]. (2) o que é esse objeto de ensino, a escrita alfabética, além de compreendermos o que é texto, gênero textual [...]. (3) quais são as hipóteses que os alunos elaboram e, conseqüentemente, o que sabem e não sabem ainda sobre a escrita alfabética [...]. (4) os percursos que fazem na apropriação desse sistema e as estratégias de aprendizagem que utilizam [...]. (5) os tipos de intervenção didática que são utilizados para ajudá-los a percorrer esses caminhos [...] (LEAL, 2005, p. 90).

Com essa afirmação a ação do professor está relacionada, então, ao conhecimento que ele próprio possui sobre sua prática e de como ele possibilitará estímulos necessários para que as crianças possam criar novos conceitos e, assim, construir hipóteses que irão contribuir no processo de alfabetização e descoberta pelo mundo da escrita. De acordo com Feil (1990, p. 17), “a criança só aprenderá sua linguagem através de tentativas”. Por isso, é necessário que a escola e seus professores explorem seus ambientes, proporcionem vivências e experiências para as crianças, pois é a partir disso que se constitui a linguagem e o processo de letramento e alfabetização.



A partir disso, acredita-se que a alfabetização é um processo de construção de hipóteses, na qual a criança necessita vivenciar situações estimuladoras que possibilitem uma reflexão sobre a língua escrita. A convivência da criança em um ambiente onde o contato dela seja com letras, histórias, imagens, livros e entre outros contribui para a familiarização do mundo da escrita, contribuindo, também, no seu processo de letramento fazendo com que a mesma use sua imaginação, buscando compreender o significado dessa série de coisas (CAVALCANTI, 1997).

A relação do processo de leitura e escrita está interligada à teoria piagetiana, pois os estágios de desenvolvimento cognitivo e os esquemas para a internalização dos conceitos de leitura e escrita são considerados próximos, e os correspondem. Para Cavicchia *et al.* (2010), conhecimento, segundo Piaget (1974), é fruto das trocas entre o organismo e o meio. E essas trocas são responsáveis pela construção da própria capacidade de conhecer.

Piaget (1974) formulou quatro fases do desenvolvimento, sendo elas: estágio da inteligência sensório-motora (até, aproximadamente, os 2 anos); estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e, estágio da inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos).

No entanto, é na fase de 2 e 5 anos, aproximadamente, que a criança adquire a linguagem e constrói um sistema de imagens. Entretanto, a palavra não tem ainda, para ela, o valor de um conceito, um significado, ela cria um mundo faz de conta, utilizando a sua imaginação (CAVICCHIA *et al.*, 2010).

Diante disso, a imaginação da criança é parte fundamental do seu processo de desenvolvimento. É assim que irá relacionar as situações, objetos e demais coisas com o seu mundo, contribuindo para a descoberta de seus significados. Para Vygotsky (1984, *apud* Tfouni, 2004, p. 21), o letramento representa:

O coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas, etc (VYGOTSKY, 1984, *apud* TFOUNI, 2004, p. 21).

Torna-se necessário proporcionar a criança meios para que ela explore sua mente imaginária, com ambientes que estimulem seus sentidos, pois é com sua imaginação que criará condições para aprendizagens significativas. Também é possível realizar uma reflexão sobre a importância da vida escolar para a criança e perceber a importância dos pequenos detalhes vivenciados no momento, que contribuem na construção do conhecimento.

A alfabetização proporciona ao aluno ler e a escrever e o letramento possibilita ao aluno interpretar o que se lê, tornando o letramento e a alfabetização ações distintas, mas inseparáveis. Esse processo de alfabetizar, tem seus primeiros passos na escola, mas o letramento ocorre com qualquer contato da criança com o mundo da linguagem, por meio de histórias, livros, revistas, desenhos, dinâmicas ou brincadeiras.



Dessa forma, o professor deve assumir “o papel de mediador e motivador da aprendizagem, sempre atento às possibilidades e limitações no processo de apropriação do conhecimento pela criança” (ANTUNES, 1999 *apud* BRASIL, 2012, p. 22). E, com isso, torna-se indispensável o planejamento com atividades que estimulem os alunos, e que o professor busque por uma diversidade de atividades, pois segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012, p. 31):

É importante perceber que, na construção de práticas de alfabetização, para levar os alunos a pensar sobre o Sistema de Escrita Alfabética e a compreender os princípios que o constituem, é necessário diversificar as atividades, escolhendo propostas que exijam diferentes demandas cognitivas e que mobilizem diferentes conhecimentos (PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA, 2012, p. 31).

Nessa perspectiva o professor torna-se o responsável por mediar essas relações, e por desenvolver um método que contribua no processo de alfabetização e letramento. O educador promove ao aluno momentos em que ele possa explorar sua bagagem e assim fazer com que a partir disso o aluno possa construir e reconstruir seus conceitos sobre o mundo da escrita. Nessa perspectiva, cabe aos estabelecimentos educacionais promover a formação, ou seja, a educação deve propor a formação de indivíduos que tenham autonomia, que tenham capacidade de construir conhecimento, interagir com o meio através de ideias próprias, sendo capaz de criar e inovar, a partir de uma visão única que tem do mundo.

4 CONCLUSÃO

Ao concluirmos este estudo, percebemos que ao mesmo teve sua importância marcada no conhecimento sobre o processo de alfabetização, sobre a prática dos professores alfabetizadores e também como é o método do educador. Ao analisar as questões sobre alfabetização foi possível (re) construir conhecimentos e perceber que alfabetização e letramento podem ir além de ensinar a ler e a escrever. Sendo que, todo esse processo depende do papel que o professor irá assumir e sua responsabilidade pela mediação do conhecimento e, a partir disso, construir possibilidades para que os alunos possam explorar suas capacidades e criar hipóteses que irão contribuir no seu processo de alfabetização.

O professor como mediador da educação deve compreender a complexidade do ato de alfabetizar e o método que utilizará. Sendo assim, ficou claro na pesquisa que os professores utilizam o método global que parte do todo e o método tradicional que é um método de codificação. A partir disso, conclui-se que ambas as professoras desenvolvem os mesmos métodos, concretizando que apesar de possuírem diferentes contextos, o método não é singular. A escola privada desenvolve o mesmo método que a escola pública, não havendo uma diferença relevante na escolha da forma de alfabetizar, mas o que diferencia esse processo, é a forma como o professor desenvolve sua prática em sala de aula.

Sendo assim, vale ressaltar a importância que o professor tem para gerar a educação do mundo, porém para isso deve buscar formação continuada, pois, a sociedade atual



necessita de professores com autonomia e que visem uma formação crítica, de qualidade e de responsabilidade, pois os alunos que hoje estão com esses professores, amanhã serão o futuro e serão o reflexo dessa construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. P. **Métodos alfabetizadores: reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental.** Educere. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba - Paraná, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal. 1977.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador.** São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2016.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos.** Resolução nº 466, de 12 dez 2012. Brasília-DF, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2012.

CAVALCANTI, Z. (Org.). **Alfabetizando.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAVICCHIA, D. C. *et al.* **O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida.** São Paulo- Araraquara, 2010.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo, 2001.

CREPALDI, E. M. F. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno.** 2017. Disponível em < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

FEIL, I. T. S. **Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo.** 12º ed. Ijuí: Vozes\Fidene, 1990.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** 6º ed. São Paulo: Cortez 1997.

FERREIRO, E. **Uma concepção do desenvolvimento da escrita na criança/** Marília Claret Gereaes. Duran – Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

FONTES, F. C. O.; BENEVIDES, A. S. **Alfabetização de crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento.** Fórum Internacional de Pedagogia. Vitória



da Conquista/BA. Anais do V FIPED. Campina Grande/PB: Editora Realize, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2003.

LEAL, T. F.. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARTINS, G. de A. **Manual para elaboração de monografias dissertações**. 3 ed. São Paulo:Atlas, 1994.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. João köpke (1852-1926) **na história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. São Paulo: Unesp, v. 3, 2015.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2006.

TEIXEIRA, E. B. *et al.* **A Análise de Dados na Pesquisa Científica importância e desafios em estudos organizacionais**. Editora Unijui. Ijuí- RS 2003.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2004. 103 p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47)

Recebido em: 24/06/2020

Aceito em: 04/09/2020

Publicado em: 10/2020